



A PRODUÇÃO DA IMAGEM EM NITERÓI E A EXCLUSÃO ESPACIAL NO MORRO DO PALÁCIO

Autores:

ANGELO FERNANDO PEREIRA - UFF - angelofernando@id.uff.br
- UFF

Resumo:

A produção do espaço da cidade é fruto dos interesses do capital, apoiados na estrutura de um Estado que se impõe na sociedade. Essa situação se estabelece, também, a partir da imagem que a cidade possui ou produz com aquilo que se depara na paisagem. A produção gráfica e cartográfica, estabelecidas nos canais midiáticos contribuíram com a dificuldade de reconhecimento da identidade no espaço urbano e com a fragmentação da cidade, gerando diversos conflitos. As favelas no centro da área metropolitana do Rio de Janeiro reconfiguram-se morfologicamente. O Morro do Palácio, localizado no bairro do Ingá, em Niterói/RJ, é ocupado e adensado por autoconstruções populares desde os anos de 1970, muito em função das crises políticas e econômicas ocorridas em diversas escalas de poder. Compreendido entre bairros da área urbanisticamente privilegiada da cidade, a favela foi escondida pela sua arquitetura na/da paisagem urbana, tornando-se um espaço de exclusão. A 'fragmentação' e a 'segregação' tornaram-se consequências da falta de planejamento urbano. Atualmente, o 'mapeamento participativo' têm ajudado a democratizar o reconhecimento espacial na cidade.

A PRODUÇÃO DA IMAGEM EM NITERÓI E A EXCLUSÃO ESPACIAL NO MORRO DO PALÁCIO

RESUMO

O Morro do Palácio, recorte espacial deste estudo, é uma formação geomorfológica e geográfica, localizado no bairro do Ingá, no município de Niterói, ocupado e adensado por autoconstruções populares, com fins de habitação, principalmente a partir dos anos de 1970, em função das transformações políticas, econômicas, estruturais, ocorridas em diversas escalas de poder e governança, que condicionaram seu surgimento. Compreendido entre bairros da área urbanisticamente privilegiada da cidade, com elevados índices socioeconômicos, tornou-se um espaço de exclusão social, escondido, até mesmo, na paisagem urbana. A produção do espaço da cidade é fruto das alianças dos interesses dos capitais industrial, fundiário e imobiliário, apoiados na estruturação de um Estado contentor desse fenômeno que se impõem em uma sociedade regulada. Essa relação se estabelece fundamentalmente a partir da imagem que a cidade possui ou produz, mesmo que para isso, projete, regulamente ou camufle aquilo que se depara na paisagem, procurando ressignificá-la. Assim, morros e favelas no centro dinâmico da área metropolitana do Rio de Janeiro são exemplos de uma maquiagem urbana, que busca dar novos sentidos a esses espaços. E a Cartografia representa uma das formas de produção do imageamento que se faz da cidade, que pode ser usada para o controle dos territórios, subjugando seus habitantes. As favelas tornaram-se novos territórios urbanos, de novos agentes - o que para uns poderiam ser compreendidas como espaços paralelos, se inserem às cidades como motores da dinâmica pública, da prestação de serviços, de alívio ao modelo de transporte de massa, de fomento ao capital imobiliário, tem a função de 'válvula de escape' das pressões exercidas pelo controle capitalista; essa relação não é paralela, mas, perpendicular à cidade, dinamizada pelos fluxos contínuos, de cima para baixo, em uma relação de poder impositiva a partir da cidade. O poder público e o capital em suas diversas vertentes e tamanhos, tornaram-se os grandes fomentadores desse fenômeno com as ações da ideologia e das ações urbanísticas, sucedidas ao longo do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: IMAGEM, EXCLUSÃO, PAISAGEM, PRODUÇÃO DO ESPAÇO, FAVELA, FRAGMENTAÇÃO, CARTOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Como parte integrante da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a cidade de Niterói se inclui em seu espaço periférico, onde as favelas¹ e as ocupações dos morros cresceram desordenadamente, principalmente a partir dos anos de 1970 com as crises econômicas, políticas, a concentração de renda em diversas escalas territoriais e com as pouco eficientes políticas públicas pró-urbanização. Segundo dados dados do IBGE (Censo 2010), o município tinha uma população de 487.562 habitantes, dos quais,

¹Favela: Conjunto de moradias populares que, construídas a partir da utilização de materiais diversos, se localizam, normalmente, nas encostas dos morros. (<https://www.dicio.com.br/favela/>, 2018). Conjunto de edifícios, majoritariamente para habitação, de construção precária e geralmente ilegal. (<https://www.priberam.pt/dlpo/favela>, 2018).

documental, com levantamento bibliográfico, observação e correlação de mapas, imagens, bem como, uma investigação sobre o recorte por uma análise espacial de imagens de satélites, mapas e fotografias, de como o lugar é representado cartograficamente pelo poder público e outros entes de prestação de serviços, da produção de mapas de divulgação turística da cidade e outros instrumentos gráficos, bem como, a compreensão da sua relação paisagística no espaço da cidade.

As questões da imagem da cidade e sua representatividade são discutidas por vários autores do Urbanismo e da Geografia Urbana. A forma como a cidade é vista por seus habitantes, participantes da sua dinâmica espacial, e por outros personagens, alheios ao seu cotidiano, muitas vezes simbolizada por uma paisagem marcante, simbólica, é gerada por atores hegemônicos em uma sociedade capitalista; como o poder público, interessado no crescimento do seu território e do capital nas suas vertentes na obtenção da renda ou do lucro.

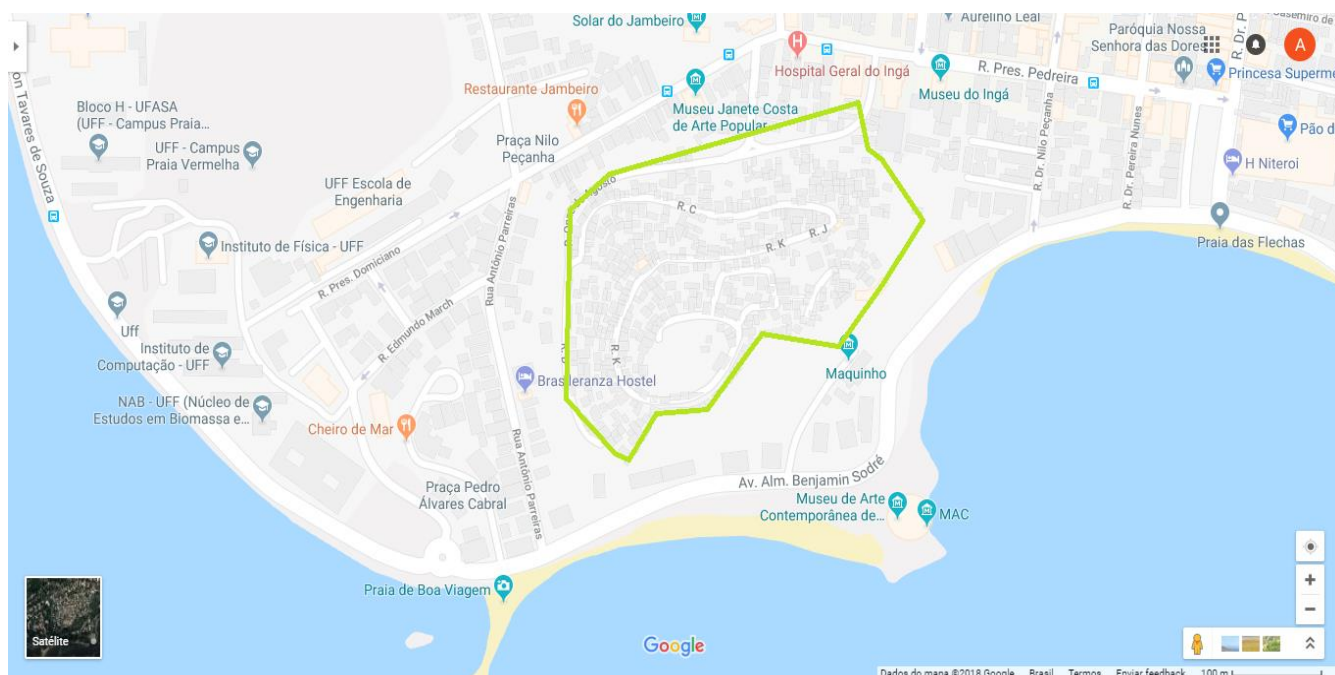
A Cartografia como fenômeno de reconhecimento métrico espacial tornou-se capaz de aferir medidas em grandes precisões, mas não foi capaz de dar sentido a todos os espaços da cidade, como visto por Costa (2007, p. 20) sobre a representação cartográfica:

Estes cartógrafos, ainda que acreditassem lograr uma aproximação cada vez maior, através de uma cópia cada vez mais perfeita da geometria do lugar, distanciavam, numa proporção inversa, a capacidade destes mapas para explicar o território do império.

Apesar desse contraste espacial, a imagem criada para a cidade é a de um núcleo totalmente urbanizado, com bons índices sociais, de uma cidade moderna, receptora de grande quantidade de obras do renomado arquiteto Oscar Niemeyer. Uma imagem vendida nas escalas metropolitana, nacional e global, pautada, sobretudo, pelas gerências do poder público municipal nas últimas três décadas. E como já ocorrera em outras cidades brasileiras, seus morros e favelas são descaracterizados da paisagem, das vistas de quem consome o espaço da cidade e paga mais caro por ele. São lugares negligenciados como forma de vida e como espaço fluido à cidade.

Cada lugar é fruto das relações espaço-temporais e, apesar de se fazerem semelhantes na estrutura de apresentação a muitos outros, têm histórias particularizadas no contexto sociocultural, sendo significativas à sua existência, o que pode, inclusive, ser negado por aqueles que comandam as narrativas do lugar.

No mapa 2, identifica-se o Morro pela demarcação de sua área por um polígono em verde, de criação do autor, onde percebe-se que se encontra próximo à orla da Zona Sul da cidade, sua área mais valorizada e estando muito próximo ao Museu de Arte Contemporânea (MAC), de grande valor simbólico à cidade.



Mapa 2, localização do Morro do Palácio com destaque ao seu adensamento limitado no polígono verde. Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor, 2018.

O PERCURSO DA GEOGRAFIA DO MORRO: DA PAISAGEM AO TERRITÓRIO

Assim como entendido por Maurice Ronai (1977), o conceito de paisagem aqui abordado é aquele onde tudo se descortina no olhar, mas também, do significado dado aos objetos nela presentes:

Este espaço “ao alcance do olhar” é antecipado, decupado, colocado em ordem, limpo através de uma série de operações mentais e culturais, este olhar não é o de um sujeito individual, dotado de uma faculdade, a visão; mas efeito de um aporte estrutural que não somente apodera-se das formas e dos volumes, mas os torna significantes. (RONAI, 1977)

A paisagem da Baía de Guanabara é vendida como produto da imagem do Rio de Janeiro e do Brasil ao mundo, com símbolos marcantes, como o Cristo Redentor sobre o Morro do Corcovado e o Pão-de-Açúcar (imagem 1, abaixo), assentados na maior reserva de floresta urbana do mundo, o Parque Nacional do Maciço da Tijuca. Como periferia da metrópole do Grande Rio, Niterói se caracterizava como sua contiguidade territorial e paisagística até a década de 1980, não possuindo elementos representativos para que assim lhe distinguissem no cenário geográfico. E, como em um dito popular antigo: “a melhor coisa de Niterói é a vista para o Rio”, a cidade se submetia e se escondia.



Imagem 1: Vista da Baía de Guanabara e do Rio de Janeiro a partir de Niterói. Fonte: g1.com.br, 2018.

A partir dos anos de 1990, a municipalidade, apoiada na divulgação dos dados do IDH (PNUD, 1991), que colocavam a cidade na terceira posição entre aquelas de melhor qualidade de vida no país e, influenciada pelas novas políticas neo-liberais, qualificando seus espaços, produz uma imagem de cidade moderna, buscando, junto às obras do arquiteto Oscar Niemeyer, criar esses novos signos inovadores da cidade global, do desenvolvimento, contemporânea e que não dependia mais da imagem dominante do Rio de Janeiro, representados pelo *Caminho Niemeyer*, tendo como ícone maior o Museu de Arte Contemporânea (MAC). Como vistos nas imagens 2, 3 e 4, a seguir.



Imagem 2: Teatro Popular. Fonte: PROAC/UFF, 2018



Imagem 3: Reserva Cultural. Fonte: Soumaisniteroi, 2018



Imagem 4: Museu de Arte Contemporânea (MAC). Fonte: Archdaily, 2018.

Só que, a construção da imagem de cidade global, que não possuísse problemas sociais, como a questão da habitação ou problemas ambientais e estruturais, esbarrava na existência de morros ocupados desordenadamente e de favelas, crescidos principalmente a partir da dinâmica urbano-industrial ao longo do século XX. E, como em outras metrópoles da América Latina, produziram essa imagem modelada, de forma setorizada, parcial, onde pudesse ser vista: essas construções irregulares nos lugares desejados denotam a cidade do atraso. Era preciso, portanto, escondê-las. E de que forma foi feito? Seu crescimento foi sendo limitado por medidas de controle do ordenamento do espaço para estabelecer novas áreas de apropriação pelos capitais fundiário e imobiliário para que garantissem a criação de novas incorporações de médio e alto padrões construtivos.

Ou seja, a transformação do espaço/paisagem ocorreu em função de uma mudança de sistematização do território da cidade, da passagem de uma organização urbana pela indústria para a organização pelo capital imobiliário. Assim, vemos uma mudança da técnica e da tecnologia que regulamentam essa nova formação socioespacial. Mas, todas essas mudanças são propositais, inclusive como força de exclusão e segregação, como mostra Milton Santos (2006):

O endurecimento da cidade é paralelo à ampliação à intencionalidade na produção dos lugares, atribuindo-lhes valores específicos e mais precisos, diante dos usos preestabelecidos. Esses lugares, que transmitem valor às atividades que aí se localizam, dão margem a uma nova modalidade de criação de escassez e a uma nova segregação. Esse é o resultado final do exercício combinado da ciência e da técnica e do capital e do poder, na reprodução da cidade. (SANTOS, 2006 p. 169)

Como fruto de uma exclusão socioespacial, o Morro do Palácio tornou-se, curiosamente, um espaço refém da cidade. Dependente das suas funcionalidades, do rigor do acesso aos viveres, da sobrevivência. Sufocado pela dinâmica imobiliária, cada vez mais verticalizada, que o comprime em seu lugar, sempre mais escondido, tolhido “da” e “na” paisagem. Assim, podemos entendê-lo como território. Não um território pela autoafirmação, pela valorização de símbolos e por sua cultura e história particularizadas. Mas, um território formado pela negação, pelo recluso, pela inacessibilidade aos serviços públicos, do aquilo o que não é. E devido a essa fragmentação à cidade, esse pedaço urbano, seu território, ainda pode ser reconhecido pela diversidade dos agentes internos que atuam nele, de variadas identidades, origens e perspectivas. Pode-se, portanto, mencionar a existência de multiterritorialidades nele presentes, em função da não regulamentação de agentes capitalistas formais centralizadores do poder, como se encontra em outras áreas dinâmicas da cidade. COSTA (2006, p. 313) chama esses territórios de “aglomerados de exclusão” por reconhecer essa formação espacial vigente, com grande significação nas metrópoles brasileiras:

Escolhemos a expressão “aglomerados de exclusão” para traduzir a dimensão geográfica ou espacial dos processos mais extremos de exclusão social porque ela parece expressar bem a condição de “desterritorialização” – ou de “territorialização precária” - ..., a começar pelos próprios significados que carrega no senso comum.

Entendendo que a rede é um dos elementos que formaliza o território, aquelas que se estabelecem no Morro pelo poder público não são totalmente implantadas ou funcionais, como as de saneamento, arruamento e provisão de energia elétrica. E, tão pouco seriam de acesso aos demais cidadãos do município, sendo de vil importância o uso funcional dessa área da cidade. Configurando-se, assim, o ‘não território’ na cidade, o fragmentado, de fluidez e significação tempo espacial limitadas.

ESCALAS DE PODER

As cidades se encontram em uma rede funcional cada vez mais conectada por elementos próprios do mundo globalizado, dinamizando as relações sociais e econômicas, determinando novas configurações espaciais.

O planejamento de Estado é uma afirmação cada vez menos autônoma para este ente, necessitando do amparo do capital para se fazer guiar nos caminhos do “desenvolvimento”. E, nisso implicam determinações políticas em diversas escalas de poder. A ideologia keynesiana foi superada pela neo-liberal nas últimas décadas, condicionando mudanças no planejamento e na organização do espaço. Porém, ocorre de forma diferenciada entre as nações centrais e periféricas pelo mundo. As primeiras, de certa forma, ainda buscam pensar uma certa inclusão social, já as outras, tratam esse tema como uma proposta de mera elitização dos espaços, agregando essas propostas a novos territórios de produção e consumo na cidade, podendo, inclusive, promover a exclusão de populações do acesso às benfeitorias desse novo modelo espacial.

O planejamento regional de pequena e média escalas no mundo periférico, como o que ocorre no Brasil, é pensado a partir da perspectiva do capital internacional, da grande economia, muitas vezes ligada a empreendimentos do ramo dos minérios, dos projetos agrícolas ou da indústria. Já o planejamento das cidades, o da grande escala dos mapas, apresenta outros agentes interessados na construção desse espaço: os dos capitais fundiário e imobiliário. Esses últimos, inerentes historicamente nas cidades, são frutos das relações mantidas com a estrutura de poder vigente, tomando proveito de uma questão central na vida das cidades brasileiras e distante de se encontrar solução: a habitação. Estes promotores/especuladores imobiliários são, além de tudo, produtores da exclusão dos espaços fragmentados, criadores de simbologismos do que é ou não elegível, direcionando investimentos públicos no território da cidade em direção de suas perspectivas empresariais.

A função urbana por muito determinou o sentido de morros e favelas como espaços delegados àqueles que se distanciam da economia formal da cidade e da metrópole: os de receptores dos empregados informais ou ilegais do universo capitalista e, no caso daqueles em áreas de grande centralidade urbana, também o de receber os trabalhadores prestadores de serviços imediatos à população de renda mais elevada.

DAS GENERALIZAÇÕES ÀS PARTICULARIDADES

Morros e favelas são espaços não totalmente territorializados³ pelo poder público e alvo de grande preocupação social devido ao fato de não produzirem elementos de significação do urbano. Ao contrário, criam o antiurbano por terem (des)estruturas funcionais, arquitetura restrita, ausência de regularização fundiária e formas de organização entrelaçadas por elementos do cotidiano, como a informalidade das relações humanas. Comumente, as notícias veiculadas na mídia sobre esses espaços têm cunho depreciativo, alcunhando-os de espaços de conflitos, da degradação ambiental, de elevado adensamento habitacional, da imoralidade, da subcultura, do revés do asfalto.

Como particularidade aos morros da cidade, o Palácio se localiza entre bairros da Zona Sul de Niterói, muito próximo à orla e, em função dessa composição paisagística, alimentada pela dinâmica da organização da cidade capitalista, a especulação imobiliária agregou novos espaços de edifícios residenciais de alto padrão construtivo em suas mediações entre as décadas de 1990 e 2000 (como visto na imagem 5, em polígono amarelo), corroborada por organismos públicos municipais, ao construírem muros de contenção de expansão das autoconstruções desde os anos de 1980 (percebidos na mesma

³ O conceito de território, entendido neste trabalho, é aquele da visão política, como colocado por Rogério Haesbaert (2006): “...o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder do Estado.”

imagem pela contiguidade espacial e um anexo do museu no alto do morro, na linha reta em azul), tendo a construção do Macquinho (em polígono vermelho, edificado após a construção do MAC, 1996, em um dos acessos ao Morro do Palácio), dito para integrar o espaço da favela à dinâmica cultural da cidade, mas o que acabou por se tornar um fator limitante ao seu crescimento, que tendiam em direção aos novos espaços urbanizados da vertente litorânea, agregados às incorporadoras imobiliárias.

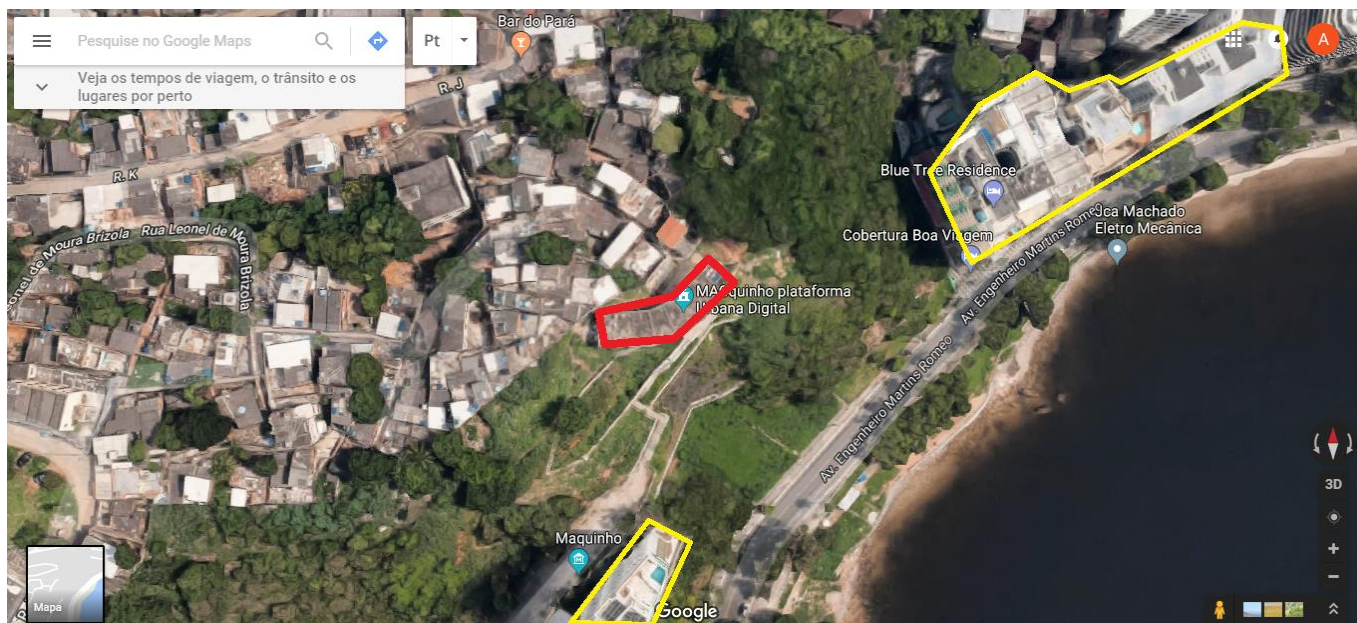


Imagem 5, Cobertura aérea do Morro do Palácio e a orla de Boa Viagem. Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor, 2018.

Na imagem 6, vê-se em perspectiva a partir da Avenida Engenheiro Martins Romeo, no bairro de Boa Viagem, como o morro e suas construções ficam escondidos na paisagem da orla da cidade, encobertos pelas novas edificações de condomínios habitacionais de rendas média a elevada, tornando-se espaço proibido à cidade do consumo urbano.

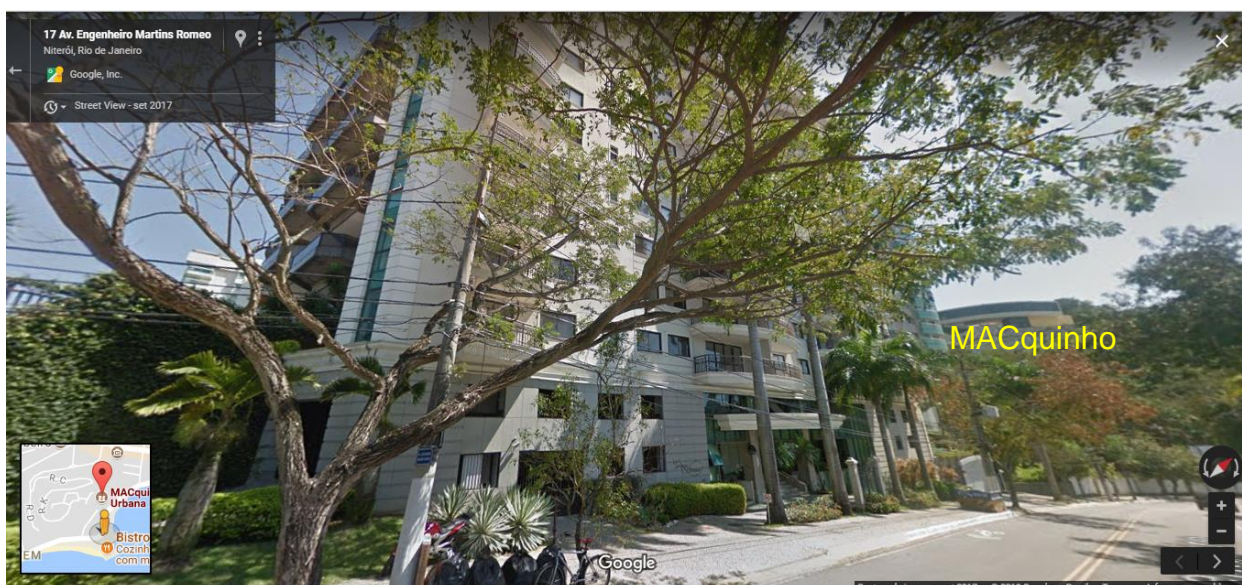


Imagem 6, vista da Avenida Engenheiro Martins Romeo, no bairro de Boa Viagem, para o Morro do Palácio. Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor, 2018.

AS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS DO MORRO

A cidade de Niterói promoveu um incentivo ao turismo nas últimas três décadas com o desenvolvimento de políticas públicas de valorização da imagem da cidade. Era preciso estimular a visão de uma cidade moderna, globalizada, independente da relação de submissão urbana da periferia metropolitana do Rio de Janeiro. A construção de novos espaços e prédios públicos contemporâneos e a revitalização de museus, palácios e fortes, somados à melhoria de alguns serviços urbanos na área central da cidade, além do uso da imagem de suas praias, semiexploradas, da Região Oceânica, contribuíram com esse simbolismo.

Daí os investimentos públicos em infraestrutura passaram a se concentrar, principalmente, na chamada Região das Praias da Baía (contendo o centro da cidade e a Zona Sul). Os escassos morros e ocupações irregulares desta área foram descaracterizados dessa perspectiva nas representações cartográficas, de produção de grupos privados ou mesmo de entidades públicas. Esse fenômeno foi percebido por Nicoli Santos Ferraz (2016), quando promove um estudo de representatividade cartográfica das favelas cariocas, com destaque àquelas da Zona Sul da cidade do Rio, identifica que o desprezo público pelo reconhecimento (tanto cartográfico, quanto legal) desses espaços no mapa é fruto de uma tentativa de submetê-los:

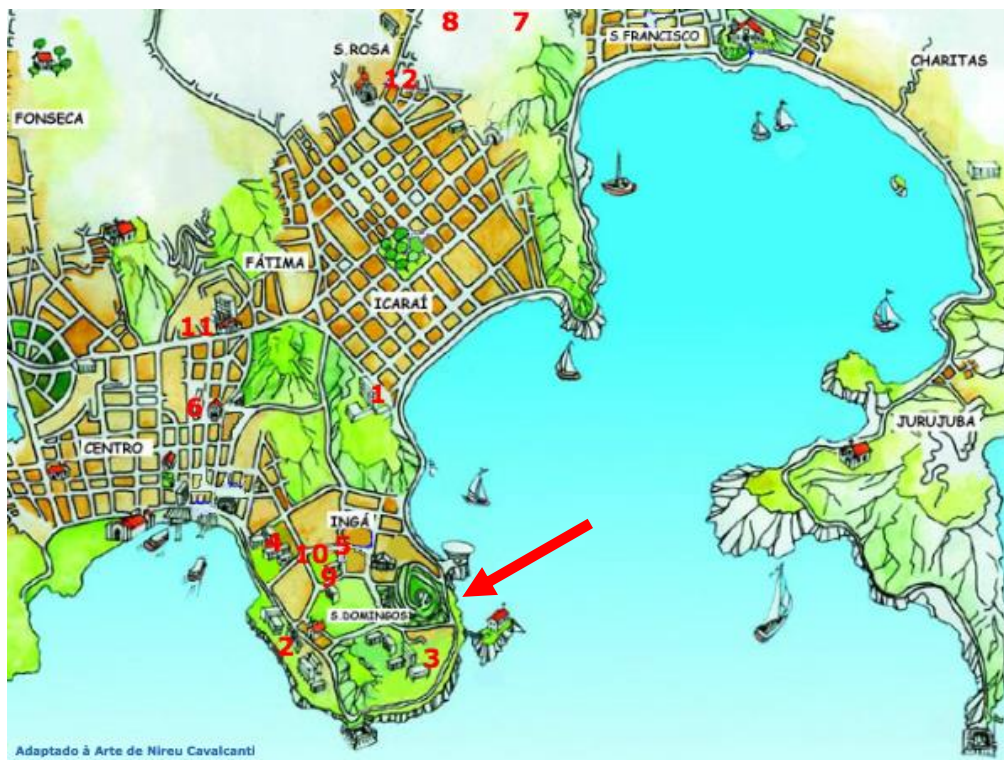
O aspecto impreciso na representação das favelas cariocas é, ao mesmo tempo, a causa e a consequência da marginalização desses espaços e de seus habitantes. A ambiguidade entre ilegalidade e tolerância permitiu que a exclusão social daquela população fosse em certa medida legitimada, ao mesmo tempo em que era exercido sobre ela um rigoroso controle social.

Para a compreensão desse fenômeno, foram correlacionados dois mapas representativos da imagem da cidade, um da empresa de turismo do município, a NELTUR (mapa 3) e, o outro, de divulgação de serviço público federal, da Universidade Federal Fluminense, UFF (mapa 4). No mapa 3 foi observado que nenhum dos morros e ocupações se faziam representar ao longo do espaço da cidade e, no caso do Palácio, este foi totalmente omitido (em círculo amarelo).



Mapa 3, Linha Niterói Turismo. Fonte: medeixaserturista.com.br, 2018.

Já no mapa 4, de produção da UFF para divulgação de seus campi na cidade, novamente foram omitidos os morros e suas ocupações, pintados na cor verde, o que leva a uma interpretação dúbia, caracterizando essas áreas como ‘espaços verdes’, até de preservação ambiental, destacados do espaço urbano da cidade, de coloração marrom. No caso do Morro do Palácio (sinalizado com a seta em vermelho), como significação, este foi o único entre os morros ocupados que teve o seu arruamento respeitado na Cartografia.



Mapa 4, divulgação da localização dos *campi* da UFF na cidade de Niterói. Fonte: <http://www.uff.br/?q=uff-em-niteroi>, 2018

Ou seja, houve uma necessidade da não inclusão desses espaços por inúmeros fatores, como o reforço da imagem do potencial urbano, da representação da cidade com elevados índices socioeconômicos, da cidade/ordem - que controla todos os seus espaços - e, mesmo, do esconder o que esteticamente não é qualificável aos parâmetros construtivos estabelecidos.

AS MÍDIAS E O MORRO

Como espaço de contradições ao plano da cidade, o morro se desqualifica para o urbano. As regras do civilizatório não são apropriadas à imagem que as mídias, de uma forma em geral, criam sobre ele. A partir de uma investigação sobre esses modelos, foram encontradas notícias referentes, principalmente, que abordavam três temas: violência, desastre ambiental e adensamento urbano.

O morro e a favela não são vistos como algo pertencentes ao espaço da cidade, conflitando-se com ela através do registro da “sensação de tranquilidade”, abalada por notícias como “troca de tiros” entre a polícia e o crime organizado ou a ordem de fechar as entidades públicas, representativas do poder formal constituído, como visto na manchete do jornal O FLUMINENSE, de 2015, na manchete 1.

Cidades

Violência fecha escolas em Niterói

144 50 0

Anderson Justino em 21/05/2015 07:00

Guerra do tráfico no Morro do Palácio e invasão de unidade no Barreto deixam mais de 2 mil estudantes sem aula na cidade



Cerca de 1,4 mil alunos do Colégio Estadual Aurelino Leal, na esquina das ruas Presidente Pedreira e Visconde de Morais, no

Manchete 1: Violência urbana. Fonte: ofluminense.com.br, 2018.

A compressão da favela, limitada por um zoneamento extra e intra urbano, em função de um muro construído pela prefeitura, restringindo seu crescimento espacial, estimulou seu adensamento, contribuindo com as construções sobrepostas de forma irregular, como visto na reportagem abaixo, do jornal O GLOBO, de 2016, na manchete 2, sobre as construções que avançavam além do limite estabelecido, contribuindo com possíveis deformações do tecido urbano. Ou estariam estes rompendo com o território estabelecido pelos condomínios de edifícios e com a paisagem como fetiche, quando lê-se o nome do museu vizinho a seu espaço na manchete do jornal?



Manchete 2: Adensamento no Morro do palácio. Fonte: oglobo.com, 2018

São comuns, também, as informações sobre ocorrências de desastres ambientais, principalmente os deslizamentos de terra, intensificados à época das chuvas, no verão. Estimulando a imaginação pelos leitores sobre morros e favelas como espaços intensivos de problemas ambientais, como vê-se abaixo em uma reportagem do jornal O DIA, de 2013 (manchete 3), registrando um deslizamento de terra, com uma vítima fatal no Morro.

Julia Damaceno estava no primeiro dia de trabalho como babá e cuidava de duas crianças no Morro do Palácio. Jovem teria recebido todo o impacto da queda para proteger os dois

ODIA

Uma adolescente de 13 anos morreu e duas crianças ficaram feridas no deslizamento de uma encosta no alto do Morro do Palácio, no bairro do Ingá, zona sul de Niterói, durante o temporal atingiu a região metropolitana do Rio, na tarde de quinta-feira. Ela trabalhava como babá e estava levando um menino de três anos e uma menina de dois para a casa da mãe delas. Segundo testemunhas, a jovem recebeu todo o impacto da queda para proteger os dois. Chovia forte no

Manchete 3. Fonte: www.ultimosegundo.com.br, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conformação deste recorte espacial no cenário urbano se faz limitada pela estreita conectividade com a cidade, pela exclusão de suas redes estruturais e do acesso aos seus serviços urbanos, que junto com a concentração de renda, a restrição é imposta a essas populações, o que torna um desafio para o planejamento urbano porque envolve políticas com vistas à igualdade social (VALLEJO, 2015, p. 297).

Quanto às práticas do urbanismo sobre a condição do se refazer das cidades, ele se vê como total, transformando a prática urbana por sua representatividade, sob a égide do neo-capitalismo, considerando todo espaço como produto dessas novas relações (LEFEBVRE, 1999). O capital imobiliário tornou-se um novo agente de construção desse espaço, assim salientado por Lefebvre (1999, p. 143):

O capitalismo parece esgotar-se. Ele encontrou um novo alento na conquista do espaço, em termos triviais, na especulação imobiliária, nas grandes obras (...), na compra e venda de espaço.

Portanto, o capital imobiliário acabou contribuindo com a exclusão social na cidade, fenômeno territorializado por morros e favelas, de baixa representatividade e fraco acesso a instrumentos urbano, determinantes na significação da cidadania.

O que falta à cidade é o “projeto de cidade”, que se promovam iniciativas de entendimento de seu espaço, das suas redes em conexões por várias escalas, com reconhecimento de seus agentes, da sua funcionalidade, procurando significar os modos de vida estabelecidos, as relações sócio-culturais existentes, posicionando-se como instituição representativa da população frente à força do dinamismo espacial capitalista e não como coadjuvante de seus interesses (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 134-135).

A dificuldade de identificação e reconhecimento espacial do Morro do Palácio, em Niterói, fez-se perceber através das edificações impostas como barreiras do acesso à paisagem. Paisagem concebida para uma cidade que buscava uma nova imagem - desgastada pelas políticas públicas não eficientes dos anos de 1980 - a partir da década de 1990, procurando interagir com a dinâmica da criação de cidades

globais, da era do neo-liberalismo, representativa de um modelo de produção de cidades alimentadas pelo dinamismo da técnica e das tecnologias, em detrimento de suas populações.

Os limites impostos ao crescimento horizontalizado da ocupação do Morro com o aumento do seu adensamento, diferenciando o que está dentro do que está fora dele, compara-se à cidade antiga, medieval, que viu seu entorno crescer de forma distinta, como em um paralelismo, assim citado por PANERAI (2006, p.68):

No adensamento do tecido: do lado de dentro, tecido antigo saturado cujas possibilidades de crescimento foram totalmente exploradas; no exterior, tecido novo, ainda ralo, cujo adensamento poderá ocorrer posteriormente, caso uma nova barreira seja criada.

A Cartografia, como conjunto de técnicas sobre o mapeamento de lugares, nas mãos daqueles que desenham suas representatividades, esconde, homogeniza ou camufla áreas não simbólicas à nova dinâmica das cidades, como ocorreu com os morros ocupados da orla do município de Niterói, como percebido por Paulo Knauss (1997) sobre o controle efetivo da produção cartográfica: “Genericamente, esse objetivo está identificado com as suas condições de produção e circulação, ou de encomenda e autoria”.

Deve haver uma nova Cartografia simbólica do espaço da cidade, que compreenda seus personagens, não subjugados pelas esferas do poder, mas, de fato representativa dos entes que o compõem, uma Cartografia dos lugares das pessoas, como aquelas que já vêm sendo desenvolvidas em diversas perspectivas, como a participativa e da ação social, que promove a integração espacial na cidade, como visto por Ana Clara Ribeiro (2012):

Daí a importância dos sujeitos sociais que de fato existem, nas suas condições eventuais de sujeitos, sujeitos da sua própria ação, e que na verdade estão nas ruas, são as pessoas que estão nas ruas...Queremos saber dessa cartografia, dessas outras cartografias dos territórios usados, de maneira a resistir ao apagamento da vida de relações, o qual cada vez mais, eu acho, vai ser a forma dominante, a forma hegemônica de ver e de ler as relações entre a sociedade e o Estado.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maurício de Almeida. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2009, p. 133 – 194.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão**. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, p. 41-51, 2011.

COSTA, Francisco de Assis da. **Atlas Histórico de Cidades**: a cidade como objeto da investigação. Cadernos PPG-AU/UFBA, v.6, edição especial (2007), p. 20.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

FERRAZ, Nicoli Santos. Mapeamento das favelas cariocas: do vazio cartográfico ao espetáculo da integração. **IV Encontro da Enparq**, 2016.

GILDING, Paul. **A grande ruptura**: Como a crise climática vai acabar com o consumo e criar um novo mundo. Moreira Dias Editora LTDA, 2014, p. 64-78.

KNAUSS, Paulo. **Imagem do Espaço, Imagem da História**. A representação espacial da cidade do Rio de Janeiro. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, nº3, 1997, p. 137.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 139 – 150.

MIZUBUTI, Satie; OLIVEIRA, Piñon Márcio de. **Niterói: o jogo do político e sua repercussão na paisagem, cultura e representações**. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, nº 25, p. 69-83, jan/jun de 2009.

PANERAIS, Philippe. **Análise Urbana**. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 2006, p.68.

RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. **Por uma cartografia da ação**: pequeno ensaio de método. Cadernos IPPUR, Ano XV, nº 2 e Ano XVI, nº1, 2001 e 2002, p.10.

RONAI, Maurice. **Paisagens II**. Hérodote, nº 7, 1977, tradução: Werther Holzer.

WHERS, Carlos. **Niterói cidade sorriso; história de um lugar**. Rio de Janeiro: 1984.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, 4ª ed., 2ª reimpressão. P. 169

VAINER, Carlos Bernardo. **As escalas do poder e o poder das escalas**: o que pode o poder local? Cadernos IPPUR/UFRJ/Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ano 1, nº 1 (jan/abr. 1986) – Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 1986.

VALLEJO, Manuel Herce. **O negócio da cidade**: evolução e perspectiva da cidade contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad X: Inverde, 2015, 1ªed. p. 297.

WHERS, Carlos. **Niterói cidade sorriso; história de um lugar**. Rio de Janeiro: 1984.

SITES

1. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-11/praiade-icarai-em-niteroi-supera-zona-sul-do-rio-em-idh>, acessado em 03/07/2018

2. <https://www.archdaily.com.br/br/01-81036/classicos-da-arquitetura-museu-de-arte-contemporanea-de-niteroi-oscar-niemeyer/1288030426-untitled-1/>, acessado em 10/07/2018
3. <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/fotos/2015/02/fotos-veja-imagens-do-antes-e-depois-de-paisagens-do-rio.html>
4. <https://medeixaserturista.com.br/passeio-niteroi-balsa-rio-de-janeiro-oscar-niemeyer/>, acessado em 03/07/2018
5. <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/construcoes-irregulares-avancam-sobre-encosta-proxima-ao-mac-20581968>, acessado em 06/07/2018
6. <https://robertatrindade.wordpress.com/tag/morro-do-palacio/>, acessado em 06/07/2018
7. <http://soumaisniteroi.com.br/apoio-para-o-cinema-brasileiro/>, acessado em 08/07/2018
8. <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/2013-01-18/menina-de-13-anos-morre-apos-deslizamento-em-morro-de-niteroi.html>, acessado em 06/07/2018
9. http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/niteroi_rj, acessado em 10/07/2018
10. <https://www.dicio.com.br/favela/>, acessado em 02/07/2018
11. <https://www.google.com/maps/@-22.9071143,-43.1260294,3a,75y,311.46h,110.17t/data=!3m6!1e1!3m4!1sN4UYLfWXIzD8jKncbVVuiA!2e0!7i13312!8i6656>, acessado em 03/07/2018
12. <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/content/viol%C3%Aancia-fecha-escolas-em-niter%C3%B3i>, acessado em 06/07/2018
13. <https://www.priberam.pt/dlpo/favela>, acessado em 02/07/2018
14. <http://www.proac.uff.br/cbpe/content/abertura-no-teatro-popular-oscar-niemeyer>, acessado em 08/07/2018
15. <http://www.uff.br/?q=uff-em-niteroi>, acessado em 03/07/2018
16. https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/tablas_pdf/tab2.pdf